

## Apresentação

### **Mulheres artistas ou intérpretes das artes: relações de gênero contemporâneas subversivas ou silenciadas**

---

Ser artista no mundo “real” foi e muitas vezes ainda é considerado coisa de “malucos (as)”. Se assim pensa parte da sociedade brasileira imaginem em relação às mulheres. A arte esteve sempre presente na vida delas. Artistas de princípio elas sobreviveram com beleza, recriando seus cotidianos nem sempre leves e esteticamente razoáveis. Ultrapassaram os preconceitos, lutaram pelos seus espaços e criaram “novos”, adentraram naqueles denominados masculinos. Roubaram a cena inúmeras vezes e chegaram ao século XXI mais fortes, com muita sensibilidade, discutindo seus papéis sociais, driblando as regras morais e religiosas que tanto determinaram suas vidas.

A centopéia colorida dando voltas nas esquinas, detendo o tráfego, roubando miradas. Num símbolo de tomar a sociedade: não como conquista ou poder, mas sim como espaço legítimo de expressão. Uma sociedade que nos reconheça. Foram muitas as palavras ditas, os cantos gritados; vários os pontos de vista, matizes de olhares; vários os feminismos. A unidade das diferenças. Tonais e atonais, puras e putas, pouco importa. O espírito bruxo do livre-arbítrio é o que conta. Na ante-sala do terceiro milênio, finalizando um século repleto de guerras, avanços tecnológicos, esperanças rotas, revoluções e pestes, nós mulheres desempenhamos um precioso papel ao exigir o fim dos preconceitos, a certeza de duvidar de tudo e, principalmente, exigir a posse de nossas vidas.<sup>1</sup>

A arte está em expansão no mundo contemporâneo associada ao questionamento das hegemonias e centralidades tanto no nível cultural, quanto político, assim, pensar a arte hoje significa ter em mente relações entre os acontecimentos e as produções que se circulam em nível local e global. E ao tratar da relação

<sup>1</sup> POMPEU, F. iv Encontro Feminista da América Latina e do Caribe, 1987. In: FERREIRA, C. e BONAN, C. *Mulheres e Movimentos*. Rio de Janeiro, Brasília: Aeroplano Editora e Consultoria, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres e Fundação Ford, 2005, p. 83.

entre arte e gênero, estaríamos entrando num debate que inclui mudanças profundas no que diz respeito a um novo modelo de sociedade, que corresponderia ao que Deleuze e Guattari chamaram “sociedade do controle”, baseado na interiorização e no processo de tornar invisíveis os mecanismos controladores, que agora são difusos. A motivação maior em torno deste dossiê foi a quase inexistência na academia de um debate mais ampliado em torno destas questões. A subjetividade contemporânea é considerada como um território existencial, um modo de vida e de pensamento, que se constitui nos atravessamentos dessas relações sociais. Ela é favorecida pela multiplicidade de elementos que transitam pelo campo existencial, articulados e agenciados por meios lingüísticos, mídia, instituições e sociedade. Ou seja, podemos entender a arte por meio de ação do pensamento, com a intenção de criar multiplicidades, novas formas de se posicionar no mundo, cuja idéia da criação artística se dá por meio de afetos, percepções e sensações que podem ser inseridas sob uma perspectiva crítica acerca da sociedade.

As mulheres artistas sofreram e sofrem por revelarem não somente emoções, mas posicionamentos de sujeitos não convencionais, não estereotipados, ou ainda por não aceitarem a posição de mulheres passivas que agem hegemonicamente, no âmbito do espaço da arte brasileira. É discutido na arte contemporânea posições de sujeito variando desde sentidos mais singelos, mais ácidos e mais cerebrais, até às possibilidades de resistências silenciosas.

A chamada para este número nos rendeu uma complexa gama de artigos sobre **Gênero, Cultura e Arte**. Os dois primeiros artigos trabalham com a infância. O primeiro, **Mémoire d'un corps métis: la mère comme origine**, de Camila Rodrigues Moreira Cruz, artista plástica que, pela lembrança da própria infância desvenda a memória na leitura de objetos pessoais guardados/coleccionados e suas relações com a mãe e outras tantas mulheres que com a autora conviveram. No artigo a seguir as brincadeiras presentes nesta primeira fase da vida são recuperadas na obra de Maurício de Sousa por Marcília Luzia Gomes da Costa Mendes que traz à tona as atividades lúdicas, os jogos e brincadeiras de caráter sexuado que acabam

por construir “o real através da fantasia”. Marcília intitulou seu artigo de **Gênero, brincadeiras e representações das culturas da infância nos quadrinhos de Maurício de Sousa**.

**As interpretações do Brasil nas telas de Tarcila do Amaral** é a contribuição da autora Júlia Silveira Matos que analisa as formas e o olhar de artista como Tarcila representou as estruturas do cotidiano brasileiro.

Não fugindo ao olhar a autora Maria de Fátima Guimarães Bueno troca os pincéis pela lente fotográfica e busca essas imagens nos periódicos de Bragança em fins do século XIX e início do XX. O texto mapeia indícios de sensibilidades concernentes aos corpos de homens e mulheres que viveram no interior do Estado de São Paulo. O artigo se intitula **Imagens fotográficas em impressos: indícios de sensibilidades relativas ao corpo humano (Bragança, em fins do século XIX e início do século XX)**.

O cinema é o objeto de **Mulheres no cinema brasileiro**, de Paula Alves, José Eustáquio Diniz Alves e Denise Britz do Nascimento Silva, que apresenta a evolução da participação de mulheres em funções de destaque nas equipes dos filmes de longa-metragem brasileiros, realizados entre 1961 e 2010.

Em **Das telas aos lares: as representações do feminino nos cinemas de Belém dos anos de 1920**, Eva Dayna Carneiro analisa a relação entre os filmes americanos e a construção de representações femininas na sociedade. Para isso recupera as recepções dos tipos femininos propagados pelo cinema.

Também a música foi objeto do artigo **Lembranças de família por mulheres musicistas**, de Gianne Zanella Atallah que abordou algumas formas de representações de mulheres musicistas, a partir dos relatos orais de alunas e professoras do Conservatório de Música da cidade de Rio Grande entre a década de 1940 e a primeira metade da década de 1950, sendo essas formas canalizadas a partir da família, como principal meio gerador entre o público e o privado e estando sob os auspícios dos elementos positivistas do Rio Grande do Sul preponderantemente entre o fim do século XIX e primeira metade do século XX, que, segundo a autora, foram determinantes para o modelo de conduta tanto no modo de pensar como de fazer.

Fábio Vacila Sahad viaja pela antiguidade e nos brinda com o artigo **As mulheres de Virgílio: a representação do feminino na Eneida**. O autor situa Virgílio no seu próprio tempo para poder perscrutar as principais características das personagens femininas em Eneida. Parte também da idéia que as representações femininas ali contidas são baseadas em um paradigma social idealizado assim como o seu comprometimento com o poder político.

**Timidez? Medo da Vida? O lugar do casamento no romance *Em surdina*, de Lúcia Miguel Pereira** é a contribuição de Edwrigens Aparecida Ribeiro Lopes de Almeida para este dossiê. A autora mostra que o texto escrito por Lúcia é de sua época, ou seja, dos anos 1930. Para desvendar essas idéias a autora centra seu olhar na personagem Cecília e no seu modo de entender e avaliar o casamento. Para Edwrigens a ficção trabalhada transita entre a conservação dos valores clássicos e a introdução de incipiente modernização do país.

Reler as possibilidades de ser mulher e escritora no Oitocentos é o objeto de Renata Maia, intitulado **Ser mulher e escritora no Oitocentos: uma contribuição Feminina às Letras e à História**. Recheada de estigmas a história dessas mulheres no Oitocentos pode ser desvendada de forma a apontar a dificuldade de escrever e a resistência a essa escrita pelo cânone oficial. A autora se utiliza para atingir seu objetivo da obra de Maria Benedita Bormann: *Lésbia*.

Em **Nova: uma revista velha**, Patrícia Conceição Silva e Tess Chamusca Pirajá analisam o padrão do feminino veiculado na revista, a construção ocultada pela aparente naturalidade da categoria mulher, bem como quem ela contempla ou exclui.

O artigo **Criar por Devoção e Amor de Deus: as senhoras da corte e os expostos da misericórdia de Lisboa (1778-1851)**, de Izabel M. R. Mendes Drumond Braga, traz os registros das práticas assistenciais das senhoras fidalgas no que diz respeito às crianças abandonadas, nomeadamente o pagamento da criação de leite ou de seco por um período variável a determinados enjeitados. O documento compreende os anos de 1778 a 1851. Quantos expostos beneficiaram destas ações? Qual o critério de escolha das crianças? Em que se tra-

duziu a ajuda fornecida pelas fidalgas? Como eram criados os expostos e por quem? Estas crianças se beneficiaram de um tratamento privilegiado? Quais as fidalgas envolvidas nestes atos de assistência? Eis algumas das perguntas a que este estudo pretende dar resposta.

**Uma avaliação do desempenho brasileiro no Global Gender Gap Index do Fórum Econômico Mundial**, texto da professora Hildete Pereira de Mello, discute o desempenho do Brasil na quinta edição (2010) deste indicador. Este é construído a partir de razões entre os sexos nas dimensões: participação e oportunidades na economia, educação, saúde e empoderamento político. As análises propiciadas pelo *Global Gender Gap Index* indicam que o Brasil avançou em todas as dimensões, exceto nos indicadores de participação política. Este ainda permanece um espaço masculino, embora a eleição de Dilma Rousseff para Presidenta do Brasil, no final de 2010 altere a posição brasileira no índice de 2011.

Uma série de publicações vem buscando desde a década de 1980 preencher lacunas e produzir conhecimentos que levem em consideração a questão do gênero como categoria de análise. Paralelamente, busca-se uma retomada de estudos biográficos e, ainda, de uma história mais convidativa, que não fique limitada aos muros acadêmicos.

Foi diante deste cenário propício que Cíntia Lima Crescêncio resenhou a obra de Mary Del Priore, *Condessa de Barral – A paixão do imperador* lançado em 2008 pela editora Objetiva. Nesse livro a autora narrou com minúcias a relação amorosa entre Luisa, a Condessa de Barral, e Pedro, Imperador Perpétuo do Brasil. Explorando cartas e correspondências da época do romance, Priore reconstrói a história de Luisa e Pedro durante a luta pela abolição da escravidão e o lento desmoronamento da monarquia brasileira.

Laila Rosa, discute o livro de Lucinete Ferreira e Lêda Dias, *Eu sou Anastácia!: histórias de uma rainha* (FacForm, 2011), que apresenta as diversas faces de uma artista brasileira de peso em suas múltiplas competências artísticas e pessoais.

Neste número, a capa foi ilustrada por Hélivio de

Lima, artista plástico, a quem dirigimos um agradecimento especial.

A todos(as), uma boa leitura!

Profa. Dra. Vera Lúcia Puga  
Profa. Dra. Dulcina Tereza Bonati Borges  
*Organizadoras do Dossiê*